



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

UM OLHAR DADO A PESQUISA NA FORMAÇÃO DOCENTE

ANDRADE, Rosiane Aires Queiroz

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

roseaneaires_12@hotmail.com

DUARTE, Suênia de Lima

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

limaduarte-uern@hotmail.com

Trilhando caminhos de mãos “dadas” com a pesquisa...

A pesquisa científica é um caminho, dentre tantos outros essenciais, há ser percorrido pelo aluno em formação. Ela se apresenta como um dos três pilares que sustentam o ensino na universidade e que possibilita ao aluno passar por processos de escrita, leitura e reflexão sistemática, “para Nietzsche, o exercício da escrita tem força formativa, para ele escritos falam de superações (PIMENTA & FRANCO, 2008, p. 148)”.

Destarte, por meio da pesquisa o sujeito pode iniciar a busca por novas possibilidades de olhares, produzida por um raciocínio crítico que viabiliza o conhecimento específico sobre as mais diversas áreas de conhecimento, bem como sobre as mais diferentes formas de ver o ser humano e a si próprio. Nesse sentido, a universidade não existe apenas para estreitar o foco do olhar, mas também para aumentar as experiências de quem vive esse universo. A partir do alargamento dessas experiências, nasce nos discentes inseridos nesse ambiente o desejo em buscarem respostas para preencher aquilo que lhes falta. Nessa perspectiva, o desejo é o responsável pelo início e condução de uma pesquisa, pois a paixão pelo objeto de estudo, é que o leva a seguir em frente.

Na reflexão sobre esse processo formativo em que a pesquisa se faz presente, percebe-se que o desejo é algo indispensável nesse momento, sendo este um sentido que se encontra intrínseco ao ser humano, ou seja, nunca vem de fora para dentro, mas de dentro para fora. Ele vem como uma necessidade de tornar concreto no mundo dos outros aquilo que, antes, só estava concreto num mundo particular. Desejo é a expressão daquilo que falta; é a busca pela completude; é, ao mesmo tempo, carência e plenitude. Move



alma e corpo, razão e emoção, real e imaginário. Desejo é, portanto, a aspiração do ser em busca da sua identidade humana.

Sob essa ótica, o ato de pesquisar não parte do vazio e sim de várias experiências acumuladas e vividas pelo homem. A pesquisa, portanto, carrega consigo grandes possibilidades de contribuir de maneira significativa no processo de aprendizagem, bem como na (auto)formação daqueles que a praticam, mas para que essa seja sentida e percebida dessa forma, se faz necessária um novo olhar para a ela, um olhar mais humano. Para Lakatos e Marconi (2009, p. 43) a mesma é considerada como “[...] muito mais do que apenas procurar a verdade: é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos”.

A pesquisa pode possibilitar uma reflexão no aluno em formação, não apenas sobre os conhecimentos específicos e científicos de uma área, mas também sobre si mesmo e sobre o outro. A ação investigativa é pensada aqui, então, como propositora de uma expressão própria do aluno em formação inicial, que identifica a consciência de si mesmo e de sua ação sobre o mundo. Nesse sentido, refletir sobre uma nova possibilidade de pesquisa na formação inicial do professor, é o objetivo aqui almejado.

Metodologia

Para refletir sobre o objetivo aqui pretendido utilizamos a pesquisa bibliográfica, onde Severino (2007, p. 122) fala que “é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses (...)”. Para essa discussão adotamos como aporte teórico Edgar Morin, mas não desconsiderando outras possibilidades de olhares.

Então... como pensar nessa relação?

A formação humana se constitui socialmente por meio de práticas educacionais que vão dando vida ao ser social (MARTINS, 2004). Dentro desse processo, a educação exerce função importante devendo formar seres humanos íntegros, capazes de pensar com autonomia sobre sua condição



enquanto sujeito. Nesse sentido o desejo de semear uma formação humana para os professores em formação inicial, e de pensar estratégias de superação das dicotomias, fragmentações e isolamentos existentes entre os saberes na universidade é nesse sentido que há a vontade, então, de (re) pensar a educação, a partir da pesquisa.

Edgar Morin, em *A cabeça bem feita*, diz que, no universo acadêmico, os sujeitos constroem saberes especializados, isolados, fragmentados, desenvolvendo um olhar cada vez mais específico para a parte. Não se recordam, porém, que a parte está no todo e o todo está na parte. Logo, sentem dificuldade de experienciar um conhecimento pertinente, isto é, inserir o conhecimento no contexto no qual está sendo produzido (MORIN, 2014).

Garantir a inserção de futuros profissionais no mercado de trabalho tem sido o principal objetivo da formação universitária. Em nome dessa formação qualificada, a condição humana tem sido expulsa das salas de aula, dando lugar aos conhecimentos científicos, à profissionalização do ser humano e à tecnização do profissional. Como nos alertam Fonseca (2011), “sem percebermos, essa formação excessivamente profissional tem gerado seres humanos cada vez mais estranhos em relação à sua condição humana”.

De fato, vivemos grandes paradoxos no universo acadêmico. O estudante que constrói saberes específicos é o mesmo que precisa ter um “perfil generalista”, isto é, ter conhecimentos diversos que permitam-lhe transitar por diferentes campos de atuação dentro da sua profissão. O sujeito que, na universidade, domina todas as técnicas, sabe as mais modernas teorias científicas e publica trabalhos divulgando suas descobertas científicas, é o mesmo que não consegue vencer seus próprios demônios: suas ideias obsessivas, seus medos paralisantes e suas angústias desestabilizadoras. Esse sujeito não consegue teorizar sobre si mesmo, desconhece seus sentimentos e nega suas emoções. Um sujeito que nunca se aventurou na descoberta de si mesmo, sendo, muitas vezes, incapaz de publicar uma linha sobre sua história humana, suas loucuras, seus devaneios, seus sonhos.

Nesse sentido, a pesquisa é pensada como possibilidade de ir além de sua função racionalista, voltada apenas para informações objetivas sobre



determinado objeto de investigação, passando esta a ser vista como um instrumento de humanização e de (auto)formação.

Em outra obra, *Amor, poesia e sabedoria*, Edgar Morin fala que o ser humano produz duas linguagens. A primeira delas se caracteriza pela praticidade, pelo racionalismo, pela utilidade, estabelecendo conceitos, definições, conduzindo a um estado prosaico. A outra é simbólica, mística, mágica, encantada, conotativa, metafórica, conduzindo ao amor, ao êxtase, ao deslumbramento diante do nosso ser, do ser do outro, da vida. Chama-se estado poético. Na maior parte do tempo, encontramos-nos na linguagem prosaica, já o estado poético é vivenciado através das festas, das cerimônias, da dança, do canto, da literatura e da poesia (MORIN, 2008).

Morin (2008) ainda ressalta o fato de que, ao longo do tempo, prosa e poesia foram se distanciando, até que se divorciaram. Um dos motivos para que isso ocorresse foi a separação estabelecida entre a cultura científica e técnica e a cultura humanística e literária. Nesse sentido, acreditamos ser importante resgatar a dimensão poética da nossa vida, particularmente na formação universitária. É preciso, então, reestabelecer os vínculos entre os saberes técnicos-científicos e o humanismo, reatando, por consequência, o casamento entre prosa e poesia.

Nesse sentido (re)pensar a formação inicial por meio da pesquisa, apresenta-se como uma necessidade emergente nas universidades, especificamente nos cursos de licenciatura, que têm como farol a formação humana. Não obstante, para formar humanos torna-se necessário, antes de mais nada, se humanizar. Assim, os professores universitários, ao conduzirem suas aulas na graduação devem articular saberes que instiguem a condição humana do professor em formação.

Em outras palavras, para além de aprender os conhecimentos específicos de cada disciplina, deve ser dada ao aluno a possibilidade de exercitar, por meio da pesquisa, a sua própria palavra, calcando os primeiros passos para a construção da reflexão e autonomia profissional e intelectual. Todavia, lembramos que o verdadeiro desafio está em pensar a pesquisa de forma tão singular, de maneira que haja, ainda na graduação, um casamento



entre saberes técnico-científicos e humanísticos. Decerto, essa não é tarefa fácil, mas urge sua efetivação para que se possa alcançar práticas educativas mais humanizadas e humanizante e para que, nesse caminhar, o aluno em formação inicial possa perceber-se, um ser que se faz a fazer-se e, conseqüentemente, construindo-se conscientemente.

Considerações finais

Acreditamos, portanto, que ao superar um olhar voltado para as dicotomias, fragmentações e isolamento existentes na universidade ao fazer pesquisa, seja possível (re)pensar a educação. Esse olhar, só será viável, quando o professor for capaz de efetivar uma prática pedagógica baseada em sua própria ação-reflexão, criando espaços de liberdade e autonomia, nos quais refletir, inclusive sobre si mesmo, seja um processo possível. Com isso, sustenta-se aqui que o exercício da escrita, leitura e reflexão aliado a um tratamento mais humano na forma de fazer pesquisa ainda na formação inicial, se apresentando como um rico instrumento de (auto)formação. E por fim pensando na perspectiva de que a verdade não se descobre, mas é construída, sugiro uma possibilidade interventiva por meio da pesquisa-ação, para que novas formas verdades possam ser concretizadas.

REFÊRENCIAS

- FONSECA, A.S.de S. A reconstrução do homem em Clarice Lispector. **Revista Babilonia**, Lisboa/Portugal, n. 8-9, p. 117-129, 2010. LAKATOS. MARCONI. **Metodologia do trabalho científico**. Ed. 07, São Paulo, Atlas, 2009.
- MARTINS, L. M. **Da formação Humana em Marx à Crítica da Pedagogia das Competências**. In: DUARTE, Newton (Org). **Crítica ao Fetichismo da Individualidade**. Campinas: Autores Associados, 2004.
- MORIN, E. **A cabeça-bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 21ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- _____. **Amor, poesia, sabedoria**. 8 edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- PIMENTA, S. G.;FRANCO, M. A. S. (Orgs). **Pesquisa em Educação: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação**. São Paulo: Loyola, 2008.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Ensino e pesquisa na docência universitária: caminhos para a integração**, São Paulo: Pró-Reitoria de Graduação, 2008
-